

O Brasil fala forte

JORNAL DE BRASÍLIA

- 4 JUN 1986

As declarações do ministro Sayad são uma evidência de que o Brasil já estruturou, de forma coerente, uma tática em suas negociações internacionais. De forma clara, mas em tom razoável, o ministro do Planejamento afirmou que, nas condições atuais de resarcimento da dívida externa, o Brasil não pode esperar um crescimento qualitativamente válido.

Pagamos anualmente, e pontualmente, cerca de 12 bilhões de dólares só de serviço da dívida. Isto representa cerca de cinco por cento de nosso PIB (Produto Interno Bruto). Desta forma, não será possível nos colocarmos sobre a via de um crescimento econômico satisfatório. Torna-se necessário, segundo as próprias palavras do Ministro, uma negociação mais adequada.

Aparentemente, estas declarações não são mais nada que a retratação de uma realidade muitas vezes afirmada. Seguramente, é muito mais do que isto. Trata-se inicialmente de uma declaração governamental e feita num momento muito preciso.

O Governo sempre adotou, nas negociações externas, um tom moderado mas firme. Desde a candidatura do saudoso Tancredo Neves, houve a afirmação de que o Brasil era um bom pagador mas, simultaneamente, se impunha um limite aos nossos compromissos. Não se pode pagar as dívidas com a fome do povo. Estes princípios, malgrado a impaciência de alguns, continua a reger nossa política. Ele se tornou um paradigma do Governo.

Recusando o enfrentamento dos que propugnavam a declaração imediata e unilateral da moratória, o Governo seguiu o

Economia - Brasil
difícil caminho de reforçar as nossas posições para depois negociar.

E bem isto que está prestes a ocorrer. O Brasil vai, agora, iniciar na realidade as negociações. Não poderíamos, sob pena de fracasso, endurecer o tom em posição de inferioridade. Muito avançamos na Nova República e agora estamos em condições de falar de igual para igual. Isto foi uma conquista da Nova República e deve ser compreendido como mais uma vitória do presidente Sarney. A ele cabe os méritos, como caberia as críticas em caso de fracasso de sua tática.

Inicialmente, o Brasil agiu de forma a se tornar independente do FMI. Já estão distantes os tempos em que os jornais anunciam a presença, em nossos ministérios, de verdadeiras auditorias de altos funcionários do FMI. Conquistamos um certo, e importante, grau de independência, que até há pouco seria impensável.

Não foi a única novidade. Nisto Sayad foi explícito. Internamente, sob a égide do Plano Cruzado, tivemos vitórias ainda mais expressivas. A moeda, que era uma das campeãs de inflação, se tornou estável, ou quase, e base de uma profunda reestruturação de nossa economia. Chegou então o momento de o Governo — afastadas as limitações internas e tendo restabelecido nossa credibilidade no plano internacional — falar sobre os constrangimentos que sofremos, devido a regras financeiras que nos penalizam de forma clara. E o que Sayad está fazendo agora. Lá fora, tendo recolhido a credibilidade do nosso empresariado e estando em dia com os credores internacionais, o Brasil poderá falar a linguagem da verdade, de nossos interesses.